

# EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



**Fabiano Eloy Atílio Batista**  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

# EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



**Fabiano Eloy Atílio Batista**  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## **Linguística, Letras e Artes**

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliã Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Fabiano Eloy Atílio Batista

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Afílio Batista

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS**

Neide Abadia Carneiro

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Anaiara Lourenço da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.4172115041**

### **CAPÍTULO 2..... 16**

#### **O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA**

Lucyélen Costa Amorim Pereira

Andréa Ferreira da Costa

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas

Mayara Cazadini Carlos

**DOI 10.22533/at.ed.4172115042**

### **CAPÍTULO 3..... 25**

#### **SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS**

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

**DOI 10.22533/at.ed.4172115043**

### **CAPÍTULO 4..... 38**

#### **ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Daniela Soares da Silva

Simone Pereira da Costa Dourado

**DOI 10.22533/at.ed.4172115044**

### **CAPÍTULO 5..... 49**

#### **ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS**

Nancy Zárate Castillo

Gloria Patricia Ledesma Ríos

**DOI 10.22533/at.ed.4172115045**

### **CAPÍTULO 6..... 61**

#### **COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES**

Ludmila Castanheira

Lua Lamberti de Abreu

**DOI 10.22533/at.ed.4172115046**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4172115047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4172115048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza Priscilla Jordanne Silva Oliveira Rafaela Fernandes Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4172115049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa Vandiel Barbosa Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.41721150410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>127</b>
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.41721150411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>140</b>
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas Matteo Henrique Sartore Letícia Oliveira Lima Beatriz dos Santos Rissi Barbra Kei Yaguiui Knorst Cristina Landgraf Lee	
<b>DOI 10.22533/at.ed.41721150412</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>154</b>
<b>O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO</b>	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>166</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>167</b>

# CAPÍTULO 7

## GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS

*Data de aceite: 01/04/2021*

*Data de submissão: 01/02/2021*

### **Julia de Albuquerque Barreto**

Mestranda em Direito Político e Econômico  
pela Universidade Presbiteriana Mackenzie  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/2070661933060634>

### **Lucas Henrique de Lucia Gaspar**

Mestrando em Direito Penal pela Universidade  
de São Paulo  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/5041156855235639>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo examinar o contexto de opressão e discriminação presente nas camadas mais marginalizadas da sociedade brasileira por uma lente adotada a partir do estudo da teoria da interseccionalidade, consolidada pela acadêmica estado-unidense Kimberlé Williams Crenshaw. Para compreender essa situação de vulnerabilidade e retratar a incidência das questões de gênero que permeiam as relações humanas, recorreu-se à obra *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, haja vista sua capacidade de figurar como um dispositivo de análise social e de denúncia da opressão vivenciada pelos indivíduos, que acabam por sofrer um processo estrutural de discriminação e violência que se intensifica a partir da quantidade e dos tipos de sobreposições de suas identidades sociais. Portanto, almejou-se: (i) compreender na obra de

Plínio Marcos o enredo e o contexto em que a trama é desenvolvida; (ii) verificar os principais elementos da personagem de Neusa Sueli e a relação da protagonista com outras personagens da trama; (iii) identificar algumas características relevantes sobre Plínio Marcos e a sua atuação como dramaturgo; (iv) descrever os aspectos fundamentais da teoria da interseccionalidade; e, por fim (v) relacionar a citada teoria com a dramaturgia em tela. Assim, ilustrar-se-á a teoria da interseccionalidade, no cenário brasileiro de marginalização, por meio da obra *Navalha na Carne*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Interseccionalidade. *Navalha na Carne*. Opressão. Plínio Marcos.

### GENDERS, VULNERABILITIES AND OPRESSIONS: A STUDY THROUGH THE INTERSECTIONALITY'S THEORY AND PLÍNIO MARCOS' PLAY ENTITLED NAVALHA NA CARNE

**ABSTRACT:** The present text aims to analyze the context of oppression and discrimination in the most marginalized strata of Brazilian society through the perspective of the study of the theory of intersectionality, consolidated by the north American academic Kimberlé Williams Crenshaw. Thus, to understand this situation of vulnerability and to portray the incidence of gender issues in the human relationships, the authors resorted to the work entitled “*Navalha na Carne*”, by Plínio Marcos, due to its capacity to figure as a device of social analysis and as a denunciation of the oppression experienced by individuals, who suffer a structural process of discrimination and violence that it is intensified according to the



quantities and to the types of social identities of them. Therefore, the aim was to: (i) understand in Plínio Marcos' work the plot and context in which the story is developed; (ii) verify the main elements of the character of Neusa Sueli and the relationship of the protagonist with other characters in the plot; (iii) identify some relevant characteristics about Plínio Marcos and his role as a playwright; (iv) describe the fundamental aspects of the theory of intersectionality; and, finally (v) to relate the abovementioned theory with Plínio's dramaturgy. Thus, the theory of intersectionality will be illustrated, in the Brazilian scenario of marginalization, through the work *Navalha na Carne*.

**KEYWORDS:** Gender. Intersectionality. *Navalha na Carne*. Oppression. Plínio Marcos.

## 1 | INTRODUÇÃO

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9), por meio de uma construção social, estruturalmente machista e misógina, em que se criam normas a fim de cercear as potencialidades do “segundo sexo” tão somente às satisfações do gênero masculino.

Ocorre, porém, que essa marginalização perante a comunidade não se restringe a apenas essa característica: pertencer ao gênero masculino (ou não). Afinal, o processo de opressão a que alguém é submetido se vale de muitos outros fatores que se sobrepõem, os quais podem vir a intensificar ou minimizar a sua vulnerabilidade.

Assim, uma vez reconhecida que a discriminação sofrida pelo indivíduo é resultado das diversas – e não apenas de uma das – características sociais que compõem a sua identidade perante a sociedade, Kimberlé Williams Crenshaw, feminista estado-unidense, desenvolveu a teoria da interseccionalidade. Por meio desta, salientou-se que os processos de dominação e opressão sofridos não atuam de forma autônoma, dado que são partes de um todo que se relacionam.

Por isso, uma mulher negra, lésbica, pobre, periférica, transexual e neuroatípica por exemplo, presenciará situações de discriminação, ao longo da sua vida, de forma mais recorrente e intensa que outras composições identitárias, como a de um homem, branco, hétero, rico, espacialmente bem localizado, cisgênero e neurotípico.

Ora, a exponenciação da vulnerabilidade de um indivíduo a depender das sobreposições de suas identidades sociais é uma questão de extremo relevo e de nítida percepção no cotidiano de nossas vidas. Tanto é assim que existem inúmeras obras que retratam essa marginalização, desde estudos científicos até dramaturgias, estas que, ainda que fictícias, visam a representar o real por uma concepção artística.

Desta feita, para se elucidar esse contexto de vulnerabilidade e opressão, em especial no cenário periférico brasileiro e por uma lente de gênero, pretende-se, ao longo das próximas páginas, aprofundar-se nos estudos da teoria da interseccionalidade por meio da ilustração de suas facetas na obra teatral intitulada “*Navalha na Carne*”, de autoria de Plínio Marcos, haja vista sua capacidade de representar a realidade do contexto de

violência doméstica e, principalmente, de intersecção da opressão sofrida pelos seres humanos, a depender de suas individualidades.

## 2 | O AUTOR: PLÍNIO MARCOS

A obra *Navalha na Carne* é de autoria do dramaturgo Plínio Marcos, nascido em Santos, litoral de São Paulo, e também conhecido como o “autor maldito”.

O apelido não veio à toa, haja vista que, como bem salienta a crítica teatral Ilka Zanotto, suas narrativas eram uma “descida ao inferno”, dada a sua característica em tentar exprimir a realidade do submundo brasileiro e das circunstâncias em que estão inseridos seus indivíduos, inclusive desenvolvendo falas com grande fidelidade ao linguajar daquele grupo.

Nas palavras do jornalista Carlos Heitor Cony, em matéria publicada na Folha, em 22 de novembro de 1999, o dramaturgo santista Plínio Marcos estaria “na ralé, nos subúrbios da marginalidade [...] [n]a escancarada violência verbal do nosso tempo [...] desprezava a dignidade e se lixava para a santidade. A fome e a miséria, física ou moral, substituíam os valores burgueses” (*apud*. MENDES, 2009, p. 463-464).

Tais foram os fatores responsáveis por consagrarem suas obras como feitos inéditos, denunciativos e revolucionários e, também, como constante objeto de repressão e censura durante a Ditadura Militar: “Plínio Marcos se tornou alvo preferencial da ditadura. Bastava o seu nome como autor para um texto ser proibido” (MENDES, 2009, p. 149).

Quanto à essa competência de dar voz aos que não tinham voz e afrontar o *status quo*, insta transcrever o seguinte excerto desenvolvido por Zanotto sobre seu amigo:

O palco povoado de cafetões, prostitutas, lésbicas, assassinos, suicidas, homossexuais, gigolôs, bêbados, drogados, policiais corruptos, escória das escórias, das docas de Santos, das zonas, dos bordéis, dos bares [...] os marginais mais absolutos, aqueles que não têm voz nem vez. Plínio Marcos, aos olhos do Sistema que governou o país a partir de 64, era o ‘perigo’, aqueles cujas palavras tinham o poder de abalar estruturas, costumes, regimes... Por que a proibição paulatina e reiterada de sua obra? Muito provavelmente, a resposta está na raiz da dramaturgia do autor: ela mostra como ‘gente’ aqueles que normalmente são considerados ‘marginais’ e traz ao palco uma nova classe integrada por indivíduos até então ignorados pela saga teatral, aos quais devota solidariedade irrestrita pelo simples fato de fazê-los existir. Acende-se a luz vermelha da repressão ante o possível despertar da consciência de estruturas sociais injustas que clamam por modificação (ZANOTTO, 2003).

E esta sua personalidade não só o acompanhou até o fim da sua vida, como foi o motivo que despertou o seu interesse em escrever peças de teatro, ou seja, retratar a vida – e as dores – daqueles indivíduos que eram constantemente passíveis de esquecimento para o resto da nossa sociedade: “chocado com a notícia de um garoto currado na prisão, Plínio Marcos escreveu também a sua primeira peça, *Barrela* [...] Escreveu *Barrela* porque

precisava pôr pra fora a dor e a indignação provocadas pela história do garoto barrelado” (MENDES, 2009, p. 80).

Em suma, nas palavras do próprio Plínio sobre sua pessoa – conforme se extrai da abertura do CD intitulado Plínio Marcos em Prosa e Samba –, assim pode ele ser definido:

Eu conto história das quebradas do mundaréu, lá de onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Falo da gente que sempre pega a pior, que come da banda podre, que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove e que só berra da geral sem nunca influir no resultado. Falo dessa gente que transa pelos estreitos, escamosos e esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Falo desse povão, que apesar de tudo é generoso, apaixonado, alegre, esperançoso e crente numa existência melhor na paz de Oxalá (SANCHES, 2012).

De qualquer forma, em que pese a vida autoral de Plínio ter sido toda pautada no desenvolvimento de obras com protagonismo de sujeitos que eram objeto de vulnerabilidades e discriminações, para fins de direcionamento do presente estudo, que visa a ilustrar os reflexos das sobreposições de identidades sociais em relações de opressão, estudou-se especificamente a obra *Navalha na Carne*, para que se pudesse aprofundar em seu enredo, nos principais elementos das personagens – Neusa Sueli, Vado e Veludo – e no contexto em que se inserem.

Afinal, trata-se de dramaturgia que é um nítido reflexo da sociedade, em especial no que diz respeito às suas relações de gênero, como salienta a acadêmica Maria Soares: “o que sobressai na peça são as relações de poder. As três personagens que aparecem no texto representam a própria sociedade brasileira” (SOARES, 2010, p. 61).

### 3 | A OBRA: NAVALHA NA CARNE

A peça em questão foi escrita ao longo de três noites, tendo sido encenada pela primeira vez em 1967. Contudo, devido ao seu teor político e crítico, de imediato, foi objeto da atuação da censura do regime ditatorial, o que fez com que fosse exibida de forma clandestina (MENDES, 2009, p. 158 e ss. e p. 345). Afinal, no Diário Oficial de 19 de junho do mesmo ano, publicou-se a portaria datada de 14 de junho, em que o diretor-geral do Departamento de Polícia Federal ratificou que:

Considerando a profusão de seqüências obscenas, termos torpes, anomalias e morbidez explorada na peça *Navalha na carne*, a qual é desprovida de mensagem construtiva, positiva e de sanções a impulsos ilegítimos, o que a torna inadequada a plateia de qualquer nível etário, resolve denegar provimento ao pedido de reconsideração pela liberação da peça (*apud*. MENDES, 2009, p. 159-160).

A obra *Navalha na Carne* retrata indivíduos e grupos vulnerabilizados com maestria, tornando-se conhecida pela nítida função denunciativa e revolucionária – um corte visceral

sobre as relações de gênero e suas opressões no contexto brasileiro de marginalização.

Por isso mesmo que “Navalha provocou o maior susto, com uma narrativa curta (em cena, no máximo cinquenta minutos) e grossa (os palavrões jorravam com assustadora poesia)” (MENDES, 2009, p. 149). Afinal, como bem salienta o dominicano Frei Patrício, entrevistado por Regina Helena: “A sociedade não gosta de admitir a existência de Neusas Suelis, Vadinhos e Veludos” (*apud.* MENDES, 2009, p. 161). E foi justamente por essa razão que a peça em questão “causou um profundo impacto ao desnudar o comportamento de [...] indivíduos excluídos que se confrontam até a destruição, levando a crítica a registrar que surgia uma contribuição nova à dramaturgia nacional” (ANDRADE, 2013, p. 243).

Ora, trata-se de obra violenta e que possui como intuito expor aquela realidade diante dos olhos do público. Por isso, por exemplo, surgiram montagens como a do Grupo TAPA, encenada por todo o Brasil – e até em Portugal –, com direção do renomado Eduardo Tolentino e com Denise Weinberg (Neusa Sueli), Zecarlos Machado (Vado) e Guilherme Sant’Anna (Veludo) no elenco (MENDES, 2009, p. 465).

Nela, optou-se por reduzir o número de público para se encenar a história de forma fisicamente (e não só emocionalmente) próxima dele, para mostrar que “essa violência está em cada esquina, virou parte do dia a dia [...] É como se as pessoas fossem testemunhas daquilo, estivessem ali, dentro do quarto [...] ficava mais real. Não dava para fingir a violência, os atores teriam que bater mesmo”, segundo o supracitado diretor (*apud.* MENDES, 2009, p. 466).

E isso era essencial para se reiterar a proximidade e a iminência de se deparar com aquela situação, haja vista que, como bem pontua Denise Weinberg, a Neusa Sueli na supracitada montagem: “[a] mulher de hoje está muito mais para uma Neusa Sueli do que para qualquer outra heroína” (*apud.* MENDES, 2009, p. 466).

Por isso, muitos críticos teatrais a consagram como uma obra de vanguarda, dentre eles, Sábato Magaldi, que salientava que “[a] literatura teatral brasileira nunca produziu uma peça de verdade tão funda, de calor tão autêntico, de desnudamento tão cru da miséria humana como essa de Plínio Marcos” (*apud.* MENDES, 2009, p. 169). Nesse mesmo sentido, posicionou-se Yan Michalski, um dos primeiros críticos teatrais a se manifestar sobre a obra, ainda em 1967: “à qual se assiste com a respiração presa, e a cujo fascínio não escapa nem o público mais conservador, a priori menos disposto a enfrentar cara a cara a crueldade e a violência” (MICHALSKI, 2005).

Afinal, a trama da dramaturgia se desenvolve em um sórdido quarto de hotel de quinta classe, em que um gigolô, uma prostituta e um funcionário homossexual (Veludo) do prostíbulo discutem para compreender o porquê do desaparecimento de uma determinada quantia de dinheiro, que teria sido obtida por Neusa Sueli e destinada ao seu amante e cafetão, Vado.

Apesar de, naquele momento, estar-se diante de um acontecimento infeliz – o sumiço das cédulas –, nota-se, de imediato, que as cenas não demonstram uma violência

não usual ou atípica na vida daquelas personagens. Muito pelo contrário, escancara-se que se está de frente a uma história de violência doméstica recorrente, em que os papéis que cada uma das personagens exerce dentro da sociedade estão correlacionados com os abusos que sofrem.

Até porque a partir de uma análise dramatúrgica da obra, percebe-se que Vado – gigolô homossexual, amante e constante agressor de Neusa Sueli, mas que só está com ela em razão do dinheiro – vale-se de todos os estereótipos machistas para praticar violência psíquica, moral e física à Neusa Sueli. Não por outra que, logo em sua segunda fala na peça, ele a chama de “vaca” e, em sua sexta fala, ele começa a torcer seu braço e a ameaça de espancá-la.

Quanto a exercer a função de cafetão, tratava-se de condição que Plínio realmente condenava, ainda que lhe tenha concedido notório espaço na ribalta: “Sempre achei isso uma coisa vergonhosa. São duas coisas das quais a gente sempre se envergonhava: tomar dinheiro da mulher e pagar mulher. Tomar dinheiro é coisa de cafetão [...] Eu sempre tive muito preconceito com cafetão” (*apud*. MENDES, 2009, p. 64).

No que tange à protagonista Neusa Sueli, insta salientar que se trata de mulher, pobre e provavelmente negra<sup>1</sup> que está à mercê das vontades de Vado por receio de ficar ainda mais sozinha e de ser posta na rua, o que é ainda mais angustiante por ser uma profissional do sexo já não mais tão nova, o que acaba por defini-la como uma “prostituta maltratada por uma vida miserável” (MENDES, 2009, p. 164).

Dentre os diálogos e as ações que expõem os abusos vivenciados por Neusa Sueli – em razão de ser mulher, pobre, profissional vítima de exploração sexual e já não tão jovem, sozinha e provavelmente negra –, destaca-se a seguinte, devido à manifesta exposição de uma conduta em que se reduz a protagonista a um mero objeto sexual que é utilizado para obtenção de prazer e dinheiro:

---

1 Em nenhum momento, expõe-se a etnia ou raça da personagem. Contudo, existem diversos críticos que defendem a necessidade da Neusa Sueli ser representada por uma atriz negra, haja vista o contexto em que se insere a obra – subúrbio brasileiro. Tanto é assim que foi realizada montagem, em 2018, denominada “Navalha na Carne Negra”, em que todos os atores eram negros. Para fins de elucidação dessa questão, impõe a transcrição do material armazenado no teatro em que foi a dramaturgia encenada (TUSP – Teatro da Universidade de São Paulo): “A problemática do corpo preto e seus históricos processos de marginalização social são o mote central da montagem, que pretende lançar luzes sobre questões relativas à hierarquização social hoje vigente. As questões atravessam o texto de Plínio Marcos e reverberam na própria produção teatral hegemônica de nosso país. Quem são os “marginais” de Plínio Marcos hoje? Onde se encontram? Como lidam com seus desejos e necessidades? Qual sua expectativa de vida? Eles se reconhecem como parte dessa “escória”? O que esperam da sociedade – se é que ainda esperam alguma coisa?” (NAVALHA na carne, 2018). Por isso que o material de divulgação ratifica que “Se interpretamos o texto de Plínio Marcos como uma navalha na carne negra, é porque as relações de poder e de impotência que o texto revela nos são [a nós negros] desde sempre familiares” (VELLEDA, 2018). Afinal: “A lógica do processo social permite supor que as personagens de Plínio Marcos em Navalha na carne podem ser negras. No entanto, as representações mais conhecidas do texto têm contado majoritariamente com atrizes e atores não negros. Quando Lucelia Sergio, interpretando Neusa Sueli, entra em cena na montagem em análise tirando a peruca loira isso nos remete a algo acidental, a uma personagem se desfazendo da outra com a qual ganha a vida. O “desfazer-se” remete também a uma possível resposta à maneira como no teatro brasileiro a distinção racial se afirmou. A tentativa de desnaturalização deste imaginário é, entre outras coisas, o que Navalha na carne negra nos oferece” (ABREU, 2018).

Vado – Eu estou duro! Estou a nenhum! Eu estou a zero! A zero, sua vaca! Neusa Sueli – E a culpa é minha?/ Vado – Vagabunda, miserável! Sua puta sem-calça! Quem tu pensa que é? Pensa que estou aqui por quê? Anda, responde! *(Pausa.)* Não escutou? Responde! Por quê? Você acha que eu te aturo por quê?/ Neusa Sueli – Eu sei... Eu sei.../ Vado – Sabe, né? Então diz. Por que eu te aturo?/ Neusa Sueli – Poxa, Vadinho, eu sei.../ Vado – Então diz! Diz! Quero escutar. Diz de uma vez, antes que te arrebente. Por que eu fico com você?/ Neusa Sueli – Por causa da grana./ Vado – Repete, sua vaca! Repete! Repete! Anda!/ Neusa Sueli – Por causa da grana./ Vado – Repete mais uma vez./ Neusa Sueli – Por causa da grana./ Vado – Mais alto, sua puta nojenta! Neusa Sueli – Por causa da grana./ Vado – Isso mesmo. Estou com você por causa do tutu. Só por causa do tutu. Você sabe. Estou aqui por causa da grana. Por causa da grana. É isso mesmo. E se você não me der moleza, te arrebento o focinho. Eu sou o Vadinho das Candongas, te tiro de letra fácil, fácil. Eu estou assim *(Faz gesto com os dedos indicando muitas.)* de mulher querendo me dar o bem-bom. Você sabe disso também, não sabe? *(Pausa.)* Sabe ou não sabe?/ Neusa Sueli – Sei... Sei, sim... *(Chora.)* (MARCOS, 2003, p. 142-143).

**Não bastasse o supracitado diálogo, há ainda a seguinte fala do gigolô que expõe a situação de extrema vulnerabilidade em que se encontra a protagonista:**

Vado – Só estou falando a verdade. Você está velha. Outra noite, cheguei aqui, você estava dormindo aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Puta troço asqueroso! Mas o pior foi quando cheguei perto pra te fechar a boca. Queria ver se você parava com aquele ronco miserável. Daí, te vi bem de perto. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta. Essa pintura que você usa aí pra esconder a velhice estava saindo e ficava entre as rugas, que apareciam bem. Juro, juro por Deus, que nunca tinha visto nada mais desgraçado [...] Senti uma puta pena de mim. Um cara novo, boa pinta, que se veste legal, que tem um papo certinho, que agrada, preso a um bagulho antigo. Fiquei bronqueado. Porra, ainda tentei quebrar o galho. Pensei comigo: mas de corpo ainda é uma coisa que se pode aproveitar. E sem te acordar, tirei a coberta, tirei tua camisola, tirei tua calcinha e teu sutiã. As pelancas caíram pra todo lado. Puta coisa porca! Acho que até um cara que saísse de cana, depois de um cacetão de tempo, passava nesse lance. Pombas, que negócio ruim era você ali dormindo. Juro por Deus, nunca vi nada pior. Se não fosse o desgraçado do ronco de porca velha, eu tinha mandado te enterrar. Porra, e não se perdia nada. Me larguei. Não aguentava (MARCOS, 2003, p. 160).

Em paralelo à história principal, há a figura do Veludo – homossexual e camareiro do prostíbulo –, que também é vítima das agressões físicas e verbais de Vado e que realiza calorosas discussões com Neusa Sueli, em que cada um se vale das vulnerabilidades sociais dos outros para direcionar ofensas.

No que diz respeito à relação entre Veludo e Vado, nota-se que são empregados termos pelo gigolô para se referir ao funcionário do prostíbulo como “bichona”, “puto” e “veado de merda” – ou seja, ofensas e ameaças vinculadas à sua orientação sexual: “Confessa logo, bicha, senão vou botar pimenta no teu rabo” (MARCOS, 2003, p. 149). E

tais atos violentos são praticados em razão do Veludo não compor a classe que está em posição de destaque na teia de opressão, como bem reconhece a personagem: “Socorro! Socorro! Monstro! Por que você não faz isso com um homem, seu nojento? Ai, esse tarado está me matando!” (MARCOS, 2003, p. 149).

Por isso, ciente dessa situação – isso é, da necessidade de Vado se autoafirmar como um homem heterossexual e opressor para, valendo-se dessas facetas, praticar atos discriminatórios em razão da sua posição social de privilégio na teia de opressão –, Veludo faz menção a ter uma suposta excitação nas agressões sofridas por Vado, o que faz com que ele se abstenha de agredi-lo para não ter sua (frágil) masculinidade corrompida, porque, em tese, tais ações estariam proporcionando prazer – e não dor – a um indivíduo homossexual:

Veludo – Vai, Neusinha Sueli, manda ele me dar uma tragada. Por favor, Sueli, manda. Eu não aguento mais./ Neusa Sueli – Acho melhor você se arrancar daqui./ Veludo – Seu Vado, deixa eu dar uma fumadinha só./ Vado – Sem-vergonha! Pensa que mulher manda em mim, bicha louca? Pensa que se essa vaca mandasse eu ia te dar o fumo?/ Veludo – Que homem bruto, meu Deus! Vado, deixa eu fumar!/ Vado – Ainda sou Seu Vado pra você. Perdeu o respeito, seu miserável?/ Veludo – Homem que me judia eu não chamo de sehor. É Vado, e olhe lá./ Vado – Te dou uma porrada que você vê./ Veludo – Dá, então. (*Vado bate em Veludo.*)/Vado – Gostou?/ Veludo – Bate mais./ Vado – Nojento!/ Veludo – Bate, seu bobo, bate. (*Vado fica vencido, impotente.*)/ Veludo – Você viu, Neusa Sueli, como a gente lida com homem?/ Neusa Sueli – Cala a boca, bicha!/ [...] Veludo – Você viu como eu encabulei o homem, Neusa Sueli? Tadinho dele! Ficou sem jeito. Coitadinho! Vê a carinha do Vado, Neusa Sueli. Vai fazer um carinho pra ele. Ele está tristonho. Vai lá, bobona. Vai agradecer teu homem. Vai, Neusa Sueli [...] Pensei que era o homem deste galinheiro que cantava de galo. Entrei bem. Quem manda aqui é a galinha velha./ Neusa Sueli – Galinha velha é a tua mãe./ [...] (*Veludo sai, xingando. Neusa Sueli fecha a porta e depois fica parada, olhando Vado por longo tempo.*) Neusa Sueli – Porco! Nojento! Você pensa que não manjei a tua jogada com o Veludo?/ [...] Vado – Deixa de história. Vocês antigas vêem malícia em tudo./ Neusa Sueli – Só sei que você me embrulhou o estômago./ Vado – A vovó das putas todas é metida a família, é? (MARCOS, 2003, p. 154-159).

Ou seja, na cena em questão, a impotência de Vado em continuar a praticar atos discriminatórios deriva da afronta, perpetrada por Veludo, ao seu estereótipo de “macho alfa”, que está automaticamente vinculado com a construção social associada ao gênero masculino. Afinal, caso Vado opte por prosseguir a proporcionar prazer a um homem homossexual – ainda que por agressões físicas –, contrariará as características que o qualificam como homem hétero perante a comunidade, isso é, alguém em posição de destaque na teia de opressão – ainda que seja pobre e viva à margem da burguesia.

Neusa Sueli também se dá conta que o poder exercido por Vado decorre do papel que exerce perante a coletividade – ser um homem hétero – e, por isso, para implorar por seu “amor”, ameaça de cortar seu falo com a navalha caso não vá para cama com ela

(MARCOS, 2003, p. 167), o que lhe reduziria a uma condição supostamente aquém do que é ser homem perante a comunidade falocêntrica em que estamos inseridos.

Por outro lado, no que corresponde ao relacionamento entre Veludo e Neusa Sueli, verifica-se que suas ações são condicionadas, também, em função das suas identidades sociais e da discriminação que cada um dos dois sofre em razão dela. Assim, Veludo alega ser razoável Neusa Sueli ser vítima de violência doméstica – porque, em tese, gostaria de apanhar –, e a protagonista atribui ao camareiro homossexual a culpa por ter sido vítima de violência doméstica por parte de um homem heterossexual, inclusive proferindo-lhe ofensas homofóbicas. Veja-se:

Veludo – Se a Neusa Sueli gosta de apanhar, bate nela. Eu não gosto de coisas brutas, não sou tarado. (*Vado bate em Veludo.*) Ele está me batendo, Neusa Sueli./ [...] Vado – Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro./ Neusa Sueli – E deu pro moleque do bar./ Veludo – Eu ia fazer uma coisa dessa? Não sou ladrão e não sou que nem você, que tem que dar dinheiro pra homem./ [...] (*Vado agarra Veludo pelos cabelos.*) Veludo – Ai, ai! Esse homem vai me deixar careca!/ Neusa Sueli – Sabe que por sua causa eu levei um couro do Vado, seu sacana?/ Veludo – Bem feito! (*Neusa Sueli arranha o rosto de Veludo.*)/ Veludo – Ai, você me paga, sua porca! Você vai ver!/ Vado – Você não vai pegar ninguém./ Veludo – Ela é mulher. Com ela eu posso./ Vado – Que é que você fez do dinheiro? Fala!/ Veludo – Não peguei./ Neusa Sueli – É teimoso como uma mula. Vou te ajudar a lembrar. (*Apanha uma navalha na bolsa.*) Vou te arrancar os olhos! (*Aproxima a navalha do rosto de Veludo.*) (MARCOS, 2003, p. 147, 149 e 150).

Outra situação que evidencia esse contexto de discriminação entre oprimidos deriva da fala de Neusa Sueli que, logo após ter sido vítima de violência doméstica, por enxergar uma outra garota de programa como uma possível ameaça a seu relacionamento com Vado, ultraja-a por não cumprir com os rótulos socialmente impostos como adequados de acordo com uma concepção retrógrada e distorcida de gênero. Veja-se:

Abre o jogo de uma vez. O que é que eu te fiz? Já foram fazer alguma fofoca de mim pra você, é? Eu sei quem foi! Você fica entrando no papo daquela vadia lá do 102. Só pode ser ela quem te encheu a cabeça. Pensa que eu não sei? Ela dá em cima de tudo que é homem das outras. A perebenta não pode ver ninguém bem. Mas ela vai ver. Comigo não vai ter bafo. Corto a cara dela com gilete (MARCOS, 2003, p. 139).

Assim, constata-se a possibilidade de oprimidos se valerem das identidades sociais de outros oprimidos para praticarem atos discriminatórios para que possam tentar ocupar, ainda que de forma breve, o papel de opressor.

Todavia, isto apenas os aliena do contexto estrutural de violência que presenciam no seu cotidiano, em que homens héteros, brancos, cisgêneros e endinheirados figuram no topo da teia de opressão, em razão das supracitadas sobreposições de identidades sociais que, perante a sociedade, ocupam posição de destaque, haja vista a dificuldade de realizar uma “descentralização do pensar e do fazer a política para além do assento privilegiado e



supostamente universal do homem branco, heterossexual, cis e endinheirado na história” (QUINALHA, 2015).

Entretanto, em contraste à luta entre oprimidos, observa-se que Vado defende a sua classe de opressores – homens héteros agressores –, dado que considera legítima a violência doméstica perpetrada por outro rapaz contra a sua respectiva esposa. Veja-se:

Neusa Sueli – [...] O cara foi lá e malhou a Mariazinha. A coitada até abortou de tanta porrada que levou. Depois, enquanto a desgraçada se danava no hospital, o sacana ia na leve com a grana da cadela do 102. Também, a Mariazinha é uma trouxa. Saiu do hospital e aceitou o miserável do homem dela de volta./ [...] Vado – Não manjo esse cara da Mariazinha. Mas ele está por dentro [...] Mas ele que pode. Está certo, sim. A mina é gamada, leva no macio. Fez ela pagar o esquentamento da outra (MARCOS, 2003, p. 140-141).

Por fim, outro fator relevante para fins da presente análise é que Neusa Sueli reconhece sua situação de marginalização, mas também compreende suas vulnerabilidades e as considera como fatores intransponíveis e que, por isso, estar-se-ia presa a uma realidade de sofrimento. E é justamente isso que a leva a formular uma das questões mais tristes de toda a obra, isto é, se é de fato gente:

Neusa Sueli – (*No chão, apanhando os objetos espalhados.*) Pára com isso! Pára! Por favor, pára! Poxa, será que você não se manca? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa na noite inteira. Um miserável que parecia um porco. Pesava mais de mil quilos. Contou toda a história da puta da vida dele, da puta da mulher dele, da puta da filha dele, da puta que o pariu. Tudo gente muito bem instalada na puta da vida. O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho-da-puta. É isso que acaba com a gente... Isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquele sarro e se apagar, pra desferrar de toda a sacanagem do mundo de merda que está aí. Resultado: você está de sacho cheio por qualquer coisinha, então apronta. Bate na gente, goza a minha cara e na hora do bem-bom, sai fora. Poxa, isso arrega qualquer uma. Às vezes, chego a pensar: Poxa, será que sou gente? Será que eu, você, o Veludo, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro. Isso não pode ser coisa direita. Isso é uma bosta. Uma bosta! Um monte de bosta! Fedida! Fedida! Fedida! (MARCOS, 2003, p. 164).

No que tange ao supracitado questionamento, o próprio crítico teatral Anatol Rosenfeld suscita que se trata de uma nítida evidência de que Neusa Sueli reconhece os processos sociais sobre os quais ela e os demais personagens da trama estão submetidos, ou seja, um fenômeno que reduz o ser vivo “em simples coisa e objeto, sem respeitar a sua condição humana de sujeito livre” (ROSENFELD, 1993, p.147).

Entretanto, essa ciência ultrapassa a pessoa da protagonista, alcançando, por exemplo, a esfera de conhecimento de Vado, que acaba por utilizar essa informação como

mais um mecanismo de poder e opressão na relação entre ele e Neusa Sueli. Tanto é assim que, após o relato da história da Mariazinha, há o seguinte diálogo entre os dois:

Neusa Sueli – Maria é uma boba. Comigo não tem disso./ Vado – Quer ver eu te aprontar uma dessas e você me aguentar? Duvida? Te faço uma pior e tu me engole. Se duvida, diz. Te apronto uma que não vai ser mole pra ti. Se duvida, te mostro./ Neusa Sueli – Você não tem coragem./ Vado – Não? Já existe penicilina, boboca! Me limpo fácil. Agora, você se estrepa. Pega fama de perebenta, tá lascada. Ninguém mais vai querer. Nem o cara mais jogado às traças (MARCOS, 2003, p. 141).

No final da peça, esta situação é salientada até atingir seu ápice, dado que, apesar de todos os abusos sofridos ao longo da dramaturgia inteira, Neusa Sueli implora ao seu agressor – que lhe acabara de tomar o faturamento do dia – para que volte para amá-la: “Vado!... Vado!... Você vai voltar?... Você vai voltar?” (MARCOS, 2003, p. 169). Todavia, é deixada sozinha e se senta em sua cama para contemplar o seu abismo existencial, para que – provavelmente – pergunte-se, novamente, se é bicho ou gente.

Para uma melhor elucidação da cena final, faz-se necessário transcrever as palavras do diretor Fauzi Arap, sobre a sua montagem da obra *Navalha na Carne*:

No final, coloquei uma gravação de Clementina de Jesus. Quando Neusa Sueli pegava o sanduíche de mortadela e levava à boca, marca criada por Jairo Arco e Flexa na montagem paulista, Tônia [Carrero, nome da atriz que interpretava Neusa Sueli] congelava o gesto e eu tirava o som. E naquele silêncio, a imagem fixa, a luz se apagava (*apud*. MENDES, 2009, p. 168).

E, infelizmente, a vivência de Neusa Sueli é a de muitas outras mulheres no Brasil e no mundo, dado que atesta não só uma realidade de violência doméstica, como um embate de valores que visam à perpetuação do contexto de opressão em razão das características identitárias dos indivíduos – gênero, raça, orientação sexual, condição financeira, etc.

Assim, partindo-se da supracitada análise da obra, expor-se-á a teoria da interseccionalidade, haja vista a relevância do estudo das consequências da sobreposição de identidades sociais na relação entre os indivíduos e as violências por eles sofridas, seja no âmbito fictício ou no plano real.

## 4 | A TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE

Em síntese, a teoria da interseccionalidade é um importante dispositivo de análise e interpretação social que reconhece que diferentes aspectos da identidade pessoal – raça, sexo, classe, idade, religião, identidade sexual, condições de saúde, por exemplo – são fatores que muitas vezes convergem no mesmo indivíduo e potencializam discriminações, opressões e exclusões sofridas.

Kimberlé Crenshaw, estudiosa norte-americana e professora titular das universidades estado-unidenses UCLA e Columbia Law School, é uma das principais acadêmicas desta

corrente de análise. Em diversas publicações de sua autoria, Kimberlé Crenshaw afirma que é imperativo o entendimento das necessidades das mulheres – e demais grupos socialmente marginalizados – levando em conta as suas particularidades, cada vez mais aprofundadas, para o desenvolvimento de uma igualdade plena.

Com objetivo de propor a discussão de forma acadêmica, Crenshaw, em 1989, publicou o texto *“Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”*, no qual apresenta a importância das somas das categorias pessoais para a análise do contexto social de um determinado indivíduo.

Logo no início do citado texto, em tradução livre, Crenshaw explica:

Eu quero sugerir ainda que esta estrutura de eixo único apaga as mulheres negras na conceituação, identificação e remediação da discriminação racial e sexual, limitando a investigação às experiências de outros membros privilegiados do grupo. Em outras palavras, em casos de discriminação racial, a discriminação tende a ser vista em termos de negros com privilégios de sexo ou classe; em casos de discriminação sexual, o foco está na raça e mulheres com privilégios de classe. Este foco nos membros mais privilegiados do grupo marginaliza aqueles que estão sobrecarregados e obscurecem reivindicações que não podem ser entendidas como resultante de fontes discretas de discriminação. Eu sugiro ainda que este foco em membros de outros grupos privilegiados cria uma análise distorcida de racismo e sexismo porque as concepções operacionais de raça e sexo tornam-se baseadas em experiências que, na verdade, representam apenas um subconjunto de um fenômeno muito mais complexo (CRENSHAW, 1989, p. 140).

Além disso, Crenshaw expõe também que seria insuficiente colocar as mulheres negras em categorias já existentes de análise, isto porque as exclusões e opressões por elas sofridas não haviam ainda sido narradas e estariam além das divisões sociais já existentes.

Soma-se à discussão, o debate trazido por Gabriela Kyrillos (2017), acadêmica que apontou que a sobreposição das identidades, como propõe a teoria interseccional, ocorria antes mesmo da formação desta corrente de análise:

Mesmo no campo acadêmico é preciso destacar que discussões que articulavam gênero e raça foram predecessoras fundamentais para a construção do próprio conceito de interseccionalidade. Importante destacar que tais debates levado a cabo por militantes do feminismo negro também se fez presente no Brasil, como é possível identificar, por exemplo, nos textos de Sueli Carneiro (1995; 2003)<sup>2</sup> e de Lélia Gonzalez (1984)<sup>3</sup> (KYRILLOS, 2017, p. 3).

---

2 As citações se referem às produções da Sueli Carneiro: “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, de 2003; e “Mulheres em Movimento”, de 1995.

3 O texto descrito é o “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, de 1984, da intelectual e ativista Lélia Gonzalez. Lélia foi pioneira nas discussões de gênero e raça no Brasil; além disso propôs a importância da concepção latino-americana nestas discussões.

Continuando no mesmo texto, Gabriela Kyrillos apresenta, mais tarde, uma discussão formada pelas acadêmicas Patricia Hill Collins e Sirma Bilge<sup>4</sup> sobre a legitimação e força que o termo “interseccionalidade” ganhou apenas após a validação da academia, ainda que tais questões já tivessem sido objeto de estudo. Apesar disto, é negável a contribuição de Kimberle Crenshaw na consolidação desta corrente.

A acadêmica Camila Simões Rosa, em sua tese de doutorado, também contribuiu com a temática em voga:

A interseccionalidade sugere que nem sempre se lida com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos. Desta forma, a denúncia é que as subordinações interseccionais não estão sendo analisadas nas discussões de gênero nem nas de raça, e quando problemas são categorizados como manifestações da subordinação de gênero de mulheres ou da subordinação racial de determinados grupos, trazem como consequência um duplo problema de superinclusão e de subinclusão (ROSA, 2018, p. 58).

Camila Rosa, então, propõe-se a apresentar estes conceitos de “superinclusão” e “subinclusão” designados por Crenshaw, como a seguir:

Superinclusão, neste caso, seria partir do pressuposto de que todos os problemas seriam de mulheres: “a superinclusão ocorre na medida em que os aspectos que o tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero, sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que o racismo ou alguma outra forma de discriminação possa ter exercido em tal circunstância” (CRENSHAW, 2002, p. 174)<sup>5</sup>. [...] Já a subinclusão é quando um grupo específico de mulheres subordinadas enfrenta um problema por serem mulheres, mas isto não é considerado como um problema de gênero por não atingir às mulheres do grupo dominante. “Em resumo, nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível” (idem, 2002, p. 176)<sup>6</sup> (ROSA, 2018, p. 54).

Dito isto, mostra-se evidente o papel da análise pela via da intersecção. Até porque é com a utilização deste método de estudo e compreensão das realidades individuais que se apresenta a possibilidade de uma leitura capaz de elucidar as subordinações e exclusões sociais de maneira extensa e necessária.

No mesmo sentido, Helena Hirata, no trabalho “Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais”, a respeito do tema, sintetiza:

A interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto, como um instrumento de luta política. É nesse sentido que Patricia Hill Collins (2014)<sup>7</sup> considera a interseccionalidade ao mesmo tempo um “projeto de conhecimento” e uma arma política. Ela diz

4 Esta menção diz respeito à produção “Intersectionality”, das autoras Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, de 2016.

5 A produção é “A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero”, de 2002, da Kimberlé Crenshaw.

6 Mesma produção acima mencionada.

7 Em “Intersectionality: a knowledge project for a decolonizing world?” de 2014.

respeito às “condições sociais de produção de conhecimentos” e à questão da justiça social (*Idem, ibidem*). Essa ideia é concretizada por Danièle Kergoat (2012, p. 20)<sup>8</sup> quando afirma a “necessidade de pensar conjuntamente as dominações” a fim de, justamente, não contribuir para sua reprodução (HIRATA, 2014, p. 69).

Por este motivo, demonstra-se pertinente e necessário relacionar esta teoria com a obra *Navalha na Carne*, compreendendo-se, assim, a obra e os seus personagens com as suas especificidades. Afinal, por meio desta, viabiliza-se a denúncia da realidade marginal brasileira por uma análise dramatúrgica que se vale de dispositivos sociais e de ciências criminais, de forma a tornar os personagens símbolos importantes de algumas identidades brasileiras oprimidas, excluídas e discriminadas.

## **5 | ANÁLISE INTERSECCIONAL DO CONTEXTO DE OPRESSÃO E VULNERABILIDADE NA OBRA *NAVALHA NA CARNE***

Como exposto anteriormente, a obra *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, é uma dramaturgia ambientada num quarto de hotel de subúrbio e possui três personagens: um gigolô, uma prostituta e um funcionário homossexual. Por este motivo, para a execução de uma análise social que a obra é capaz de nos conceder, alguns dados são importantes.

Atualmente, segundo dados da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) de 2019, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens. A população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres. A personagem “Neusa” representante desta parcela da população – neste momento ainda dividida em apenas uma esfera: gênero – poderia compor, naturalmente, as seguintes estatísticas brasileiras: em 2019, a cada 2 minutos, 1 agressão física foi computada, totalizando 266.310 registros de lesão corporal dolosa em decorrência de violência doméstica; acontece 1 estupro a cada 8 minutos no Brasil, sendo 85,7% das vítimas do sexo feminino. No mesmo ano, 1.326 mulheres foram vítimas de feminicídio, sendo 89,9% delas mortas pelo companheiro ou ex-companheiro – informações do Atlas da Violência de 2020 e do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020, ambos documentos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

No entanto, levando em consideração a teoria da interseccionalidade descrita no tópico anterior, fica evidente a incompletude de uma análise a partir exclusivamente do gênero. Assim, é imperativo o acúmulo de mais especificidades desta personagem para que haja uma leitura mais fiel sobre quem de fato poderia ser Neusa Sueli no Brasil atual.

De acordo com o mesmo “Atlas” acima citado, e admitindo a análise dramatúrgica de que Neusa Sueli, apesar de não expostamente descrita, é uma mulher negra, reúne-se esta lamentável estatística:

---

<sup>8</sup> No trabalho “*Se battre, dissent-elles...*”, Paris, La Dispute, de 2012.

Embora o número de homicídios femininos tenha apresentado redução de 8,4% entre 2017 e 2018, se verificarmos o cenário da última década, veremos que a situação melhorou apenas para as mulheres não negras, acentuando-se ainda mais a desigualdade racial. Se, entre 2017 e 2018, houve uma queda de 12,3% nos homicídios de mulheres não negras, entre as mulheres negras essa redução foi de 7,2%. Analisando-se o período entre 2008 e 2018, essa diferença fica ainda mais evidente: enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras caiu 11,7%, a taxa entre as mulheres negras aumentou 12,4%.

O objetivo deste paralelo entre a realidade atual com base em estatísticas e a ficção “Navalha na Carne” é entendermos as possibilidades negativas da vida de uma mulher negra e brasileira, como Neusa. A pesquisadora e feminista Djamila Ribeiro, em seu livro “Quem tem medo do Feminismo Negro?” (2018), reflete além das questões estatísticas de violências sofridas por “Neusas” Brasil adentro:

A questão do silêncio também pode ser estendida a um silêncio epistemológico e de prática política dentro do movimento feminista. O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não as coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, fez com que nos últimos dez anos o número de assassinatos de mulheres negras tenha aumentado quase 55%, enquanto o de mulheres brancas caiu em 10%, segundo o Mapa da Violência de 2015. Falta um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento da violência contra a mulher. A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática, que não negue identidades em detrimentos de outras (RIBEIRO, 2018).

Em outro momento, no mesmo livro, Djamila escreve:

A sociedade é dividida. Como bem nos ensina Sueli Carneiro, o racismo cria uma hierarquia de gênero que coloca a mulher negra na situação de maior vulnerabilidade social. Logo, é preciso nomear essa realidade, porque não se pensa em uma solução para um problema nem sequer pronunciado. Existem várias possibilidades de ser mulher e, justamente porque ela foi universalizada tendo como base a mulher branca, é preciso dizer isso. Não se trata de competição, mas de fatos históricos, dados de pesquisa. Você quer destruir uma realidade impondo a sua como universal e ainda cobra formas de dialogar quando existe uma vasta bibliografia sobre o tema? Não sofreremos de forma igual. A violência de gênero atinge todas as mulheres, mas atinge de forma mais grave aquelas que combinam mais de uma opressão (RIBEIRO, 2018).

Por estes motivos, o grande simbolismo e objetivo deste trabalho é trazer a Neusa Sueli não só para exemplificar estatísticas, mas também para ser um sujeito que ilustra a análise elaborada por Djamila. Afinal, Neusa “é” muitas mulheres e a dramaturgia nos oferece ferramentas e meios para o entendimento real dos indivíduos e do coletivo.

Além de Neusa Sueli, Navalha na Carne nos apresenta um outro personagem sujeito de exclusões e opressões diversas: Veludo, indivíduo homossexual e camareiro do prostíbulo onde acontece o enredo ficcional. Atualmente, uma das maiores dificuldades para a análise da população LGBTQIAP+ é a desvantagem ocasionada pela carência de

dados e indicadores que viabilize o estudo sobre este grupo.

Apesar disto, os mesmos documentos citados acima, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ofereceram estes dados: em 2019 houve aumento de 7,7% dos registros de agressão – sendo que, infelizmente, apenas 11 Unidades Federativas contabilizam os casos. Vale ressaltar, como já dito, este trecho do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020:

É evidente a baixíssima cobertura dos dados oficiais à qual se soma enquanto problema, a impossibilidade do cálculo de taxas dada a inexistência de contagem da população LGBTQI[AP]+ por parte do IBGE, o que impossibilita comparações e acompanhamentos ponderados, isto é, mais refinados, da evolução da violência contra LGBTQI[AP]+ no Brasil ao longo do tempo.

Como acima explicitado, “Neusas Suelis” e “Veludos” são importantes símbolos de grupos vulnerabilizados. Vulnerabilizados – e não vulneráveis – pois esta condição não é uma condição dos indivíduos, propriamente dita. Mas sim uma condição ocasionada pela situação real em que eles se encontram. A carência de políticas públicas, atenção social e empatia, resultados das superestruturas políticas e das estruturas econômicas, colocam-nos em situações de extrema opressão – para não dizer absoluta exclusão.

As demonstrações dos contextos sociais e individuais que os personagens do dramaturgo Plínio Marcos nos proporcionam são importantes à medida que se entende o poder da dramaturgia na retratação do mundo à nossa volta. Mulheres, membros da comunidade LGBTQIAP+, negros, deficientes físicos, pessoas que exercem uma fé que não a dominante, entre outros grupos, sofrem em nossa realidade cis-heteronormativa.

Por fim, o personagem Vado nos representa essa opressão personificada. Longe aqui de demonstrar apenas a crueldade de um homem heterossexual. O objetivo, por óbvio, não é esse. A finalidade é a visão de um ser que apesar de ser, assim como os outros dois personagens, morador de subúrbio e pobre, representa, naquele contexto, a figura do opressor e violento.

A obra Navalha na Carne, além de tratar de uma mulher e dois homens marginalizados, rememora-nos a possibilidade de assumirmos funções sociais e pessoais diferentes quando estamos em contextos diferentes. Em outras palavras: Vado provavelmente é um homem “excluído” de possibilidades profissionais, do direito à saúde, à educação etc. Contudo, este mesmo indivíduo, por ser homem hétero, assume um papel dominante quando encontra indivíduos ainda mais excluídos em suas intersecções, para que, dessa forma, possa, ainda que de forma efêmera, sentir-se no papel de alguém que ocupa o topo da teia de opressão.

## 6 | CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo relacionar a dramaturgia de Plínio Marcos,

por meio da obra *Navalha na Carne*, com a teoria da interseccionalidade, consolidada pela acadêmica Kimberle Crenshaw, para que se pudesse ilustrar e denunciar o contexto de marginalização de determinados indivíduos na sociedade brasileira e mundial.

Apesar da incapacidade de se realizar o total esgotamento dos referidos debates no presente texto, por se tratarem de assuntos extensos e multifacetados, com o desenvolvimento da pesquisa pôde-se compreender a relevância da história do autor para a criação da ficção e, por consequência, a importância da ficção para a compreensão do contexto social brasileiro, haja vista a capacidade de identificação das personagens do *Vado*, Neusa Sueli e Veludo com as histórias de opressão vivenciadas por diversos sujeitos na atualidade.

Final, tratam-se de representações importantes de indivíduos complexos e inacabados que, até os dias de hoje, não vivem, mas sobrevivem nos subúrbios brasileiros e vivenciam situações de opressões e discriminações capazes de influir nas relações pessoais, que são pautadas na violência e no abuso moral. Violências estas estruturais e capazes de demandar sacrifícios infundáveis por parte das vítimas e dos autores violentos. Isto porque as opressões e exclusões em contextos absolutamente vulneráveis não se parecem com pirâmides exatas, onde há claramente topos e bases, mas se assemelham sim com teias hiper dependentes.

E é a partir dessa lógica de interdependência e de acúmulo de fatores que se manifesta a relevância de uma análise a partir da teoria da interseccionalidade, dado que apresenta um método de análise social que demanda uma compreensão robusta e integralizada sobre diferentes aspectos das identidades pessoais, que, por vezes, são fatores que convergem no mesmo indivíduo e potencializam discriminações, opressões e exclusões sofridas. E isto é constatado e deve ser denunciado tanto no âmbito fictício, quanto no plano real.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Kil. **Navalha na nossa carne?** Teatro Jornal, Brasil, 28 set. 2018. Disponível em: <<https://teatrojornal.com.br/2019/01/o-corpo-negro-autonomeado-em-navalha-na-carne/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

ANDRADE, Welington. **O teatro da marginalidade e contracultura**. In: FARIA, João Roberto (Dir.). História do teatro brasileiro. São Paulo: Perspectiva; Edições Sesc, 2013. p. 239-257. v. 2: Do modernismo às tendências contemporâneas.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2 ed. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. The University of Chicago Legal Forum. n. 140 p.139-167, 1989.



FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo soc., São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, June 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso)>.

KYRILLOS, G.M. **Uma análise interseccional de gênero e etnia sobre as limitações na eficácia da convenção para a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (CEDAW) no Brasil**. In: 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero, 11, 2017.

MARCOS, Plínio. **O melhor teatro de Plínio Marcos**. São Paulo: Global, 2003.

MENDES, Oswaldo. **Bendito Maldito: uma biografia de Plínio Marcos**. São Paulo: Leya, 2009.

MICHALSKI, Yan. **Reflexões sobre o teatro brasileiro no século XX**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2005.

NAVALHA na carne. **Teatro da Universidade de São Paulo**, Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.usp.br/tusp/?portfolio=navalha-na-carne-negra>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

QUINALHA. Renan. **“Lugares de fala” e a urgência da escuta**. Revista Cult, Brasil, 10 nov. 2015. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/lugares-de-fala-e-urgencia-da-escuta/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

RIBEIRO, Djamilia. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSA, Camila Simões. **A Interseccionalidade e suas contribuições para a compreensão do encarceramento de mulheres negras**. 2018. Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

ROSENFELD, Anatol. **Navalha na nossa carne**. In: \_\_\_\_\_. Primas do teatro. São Paulo: EDUSP, São Paulo: Perspectiva; Campinas: EDUNICAMP, 1993, p.143-148.

SANCHES, Pedro A. **Samba, rap e exclusão em SP**. Farofafá, Brasil, 23 ago. 2012. Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2012/08/23/samba-rap-e-exclusao-em-sp/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

SOARES, Maria F. B. **Porta-vozes do “Poeta Maldito”: Gênero e Representação no teatro de Plínio Marcos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8EJM34/disserta\\_o\\_\\_\\_\\_ltima\\_vers\\_o.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8EJM34/disserta_o____ltima_vers_o.pdf?sequence=1)>. Acesso em 24 ago. 2018.

VELLEDA, Luciano. **“Navalha na carne negra” é peça de resistência contra exploração histórica**. Rede Brasil Atual, 10 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2018/08/potente-navalha-na-carnenegra-e-uma-peca-de-resistencia>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ZANOTTO, Ilka Marinho. Prefácio. In: MARCOS, Plínio. **Melhor teatro**. São Paulo: Global, 2003.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

### B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

### C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

### D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

## F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

## G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

## H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

## I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

## J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

## L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

## M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

## O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

## **P**

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

## **R**

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

## **S**

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

## **T**

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129





Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139

## V

Velhos 41, 43, 44, 46

# EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)